

Carolina de Jesus: a beleza de ser “diferente”

Nathércia **SILVESTRE**¹

Mulher negra, naturalmente,
é cozinheira, faxineira,
servente, trocadora de ônibus
ou prostituta. Basta a gente
ler jornal, ouvir rádio e ver
televisão. Eles não querem
nada. Portanto tem mais é
que ser favelados.

Lélia Gonzales

Falar sobre o “não-lugar” de Carolina significa falar, especificamente, sobre o seu lugar.

Carolina sempre foi especial porque foi diferente. O outro: sempre foi o outro. E, por isso, muito incompreendida e, muitas vezes, rejeitada. Parafraseando Caetano, “é que Narciso acha feio o que não é espelho e à mente apavora o que ainda não é mesmo velho”. E Carolina era nova porque trazia o novo: era surpreendente! E é nova porque ainda nos surpreende. Porque Carolina é atual! E é atual porque também nos remete a problemas tão velhos...

Carolina é o “outro” porque é bela. Enquanto os vários outros afirmavam sua feiúra, ela nos mostrava sua beleza. Porque Carolina é POETA! E o poeta é o “outro” por excelência!

Carolina é a personificação de vários “outros”: é mulher, é negra, é pobre. O pobre do campo e da cidade. E, ao mesmo tempo, se negou a ocupar o lugar que se

¹ Pós-Graduanda junto à FFC/UNESP, membro do NUPE – Núcleo de Pesquisadores Negros da UNESP, pesquisa os remanescentes quilombolas.

esperava dela enquanto alguém que suportava tantos estigmas! Ela é a contestação e o exótico! Quando, na verdade, apenas requeria o direito de ter sua própria identidade.

Vera da Silva Telles, em seu trabalho *Pobreza e Cidadania*, argumenta que:

[...] os pobres são aqueles que não têm nome, não têm rosto, não têm identidade, não têm interioridade, não têm vontade e são desprovidos de razão. (TELLES, 2001:42)

Ou seja, os pobres, enquanto fazendo parte dos *excluídos* da sociedade brasileira, são relegados a um *status* de animalização e coisificação. Mas Carolina negava tudo isto enquanto buscava ser protagonista da própria história. Mesmo sabendo que era vítima de um estado de coisas alheio à sua própria vontade: a situação sócio-econômica do país, por exemplo, que colocava os pobres e favelados na categoria de exclusão. Pois Carolina tinha a literatura como sua aliada e era através da escrita que procurava marcar sua identidade e seu olhar crítico sobre tudo que vivia. Carolina era pobre, era negra e era mulher. Mas, mesmo assim, contrariando todas as expectativas que se tem sobre tais pessoas em situação de exclusão, pensava. E, mesmo sendo uma catadora de lixo para poder sobreviver e alimentar seus filhos, não se confundia com o lixo que catava. E manteve sua identidade de poeta embora a sociedade brasileira tenha a tendência de olhar a si mesma com um olhar dicotômico: de um lado, os pobres, sujeitos e ameaçadores; de outro, os homens de bem, honestos e respeitáveis. Mas Carolina dizia: “Se estou suja, é porque não tenho dinheiro para comprar sabão.”

Segundo José Carlos Rodrigues, em seu trabalho sobre o lixo como invento social, na sociedade brasileira se opera uma lógica binária, onde a relação com o lixo expressa a divisão da sociedade em classes sociais:

[...] uma sociedade higienizada é uma sociedade hierarquizada e quanto mais próximo do centro do poder, mais distante da sujeira, e quanto mais periférica em relação ao centro, tanto mais íntima com a sujeira. (RODRIGUES, 1995: 75)

Carolina, além de pobre, era negra. E, em vários momentos de sua escrita, nos relata situações onde fica clara a discriminação racial sofrida por ela em seu cotidiano. Nilma Lino Gomes, quando discute educação e identidade negra, nos adverte:

Essa perspectiva que prima pela exclusão e trata as diferenças como deficiências transforma as desigualdades raciais construídas no decorrer da história, nas relações políticas e sociais, em naturalizações. As desigualdades construídas socialmente passam a ser consideradas como características próprias do negro e da negra. Dessa maneira, um povo cuja história faz parte da nossa formação cultural, social e histórica passa a ser visto através dos mais variados estereótipos. Ser negro torna-se um estigma. (GOMES, 2002:42)

A personagem Carolina Maria de Jesus, enquanto protagonista da própria história, nos mostrou, e nos mostra até hoje, que, mesmo vivendo várias situações de exclusão, os sujeitos podem ter voz ativa e colocar-se enquanto detentores de uma corporeidade que tem identidade e memória.

O exemplo de Carolina Maria de Jesus inibe o pensamento racista de associar homens e mulheres negras apenas a trabalho doméstico, maternidade solitária, pobreza e ignorância. Pelo contrário, seus escritos são um exemplo de criação, autonomia, saber, beleza e poder. (SANTOS, 2002:100)

E é por isso que ela tem sido porta-voz de tantos “outros” que vivem as mesmas situações de marginalidade, de exclusão e “não-lugar”.

Referências Bibliográficas:

ALETRIA: revista de estudos de literatura, v. 6, 1998/99 – Belo Horizonte: POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG.

DE JESUS, Carolina Maria de Jesus. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Editora ano.....

GOMES, Nilma Lino. “Educação e identidade negra”. IN: ALETRIA: revista de estudos de literatura, v. 6, 1998/99 – Belo Horizonte: POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG, p.38-47.

GONZALEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. IN: Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos/ por Luiz Antonio Machado da Silva e outros – Brasília: ANPOCS, 1983. 303 p. (Ciências sociais hoje; v. 2), p. 223-244.

RODRIGUES, José Carlos. *Higiene e ilusão: o lixo como invento social*. Rio de Janeiro: NAU, 1995.

SANTOS, Jean Carlos Ferreira. “Saber, beleza e arte em Carolina Maria de Jesus”. IN: REVISTA Palmares – cultura afro-brasileira, ano 1 – número 2 – dezembro 2005. p. 96-100.

TELLES, Vera da Silva. *Pobreza e cidadania*. São Paulo: Editora 34, 2001.